

Lula defende política econômica de Palocci

Celso Junior/AE

PRINCIPAIS TRECHOS

A seguir, os principais pontos do discurso de Lula no Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social:

Crescimento – “Não há como a economia brasileira não crescer este ano. Possivelmente não crescerá o tanto que nós gostaríamos que crescesse, mas vai crescer de forma sustentável para que cresça mais o ano que vem, para que cresça mais em 2006 e para que cresça mais em qualquer momento.”

Planos – “Não é justo para com o Brasil que nós inventemos o ‘Plano Palocci’ ou o ‘Plano Lula’ ou um plano qualquer, para ter sucesso de meio-dia ou de meia hora e, depois, alguém ter que arcar com o prejuízo. E quem arca é o próprio povo, porque, na hora em que o Estado não tiver como pagar, vai aumentar o imposto.”

Fio do bigode – “Com todas as críticas que possamos merecer e que a política econômica certamente merece, uma coisa vocês deveriam reconhecer: é a primeira vez, na História do Brasil, que estamos conquistando a estabilidade sem nenhuma invenção econômica. Na verdade, estamos colocando aquilo que antigamente se fazia: o fio do bigode. Estamos apostando na credibilidade, na seriedade.”

Antibióticos – “Nós não teremos antibióticos (para cuidar da economia). Vamos fazer as coisas como precisam ser feitas, sem perder de vista que um presidente da República não governa para as próximas eleições, ele tem que pensar nas próximas gerações.”

Taxas de juros – “De vez em quando eu ouço as críticas, não discuto se justas ou



Lula: ‘Até o presidente do BC reconheceu que a taxa de juros é alta. Ela é alta mesmo, mas é a mais baixa dos últimos 10 anos’

injustas, as taxas de juros que ficam como se fossem o ‘bode expiatório’ de todo o problema do governo ou de todo o País. Até ontem o presidente do Banco Central reconheceu que a taxa de juros é alta. Engraçado, ela é alta mesmo, mas é a mais baixa dos últimos 10 anos, do ponto de vista dos juros reais.”

Inflação – “Hoje podemos dizer para vocês: estamos mais próximos de atingir a meta de 5,5% de inflação do que em qualquer outro momento deste país. Aí, aparece alguém e diz assim: ‘Puxa vida, mas porque 5,5%? Não pode ser 6%? Não pode deixar chegar aos 7%?’ É como criança que vai para a escola, estuda para tirar a nota mínima e vai para recuperação.

Não queremos ficar para recuperação, queremos controlar a inflação, porque a infla-

ção é a base que pode garantir aos trabalhadores brasileiros não terem prejuízos nos seus baixos salários.”

Unanimidade – “Não pensem vocês que todo o mundo gostou quando o (Antônio) Palocci, na semana passada, anunciou junto comigo a questão da construção civil. Teve gente que não gostou, mas também nem Jesus Cristo conseguiu unanimidade.”

Erros – “Se vocês vieram aqui só para falar bem do governo, erraram. Se vieram aqui para falar mal, erraram.

Se vieram só para se queixar, erraram mais ainda. Este Conselho é a primeira vez que a sociedade civil organizada, através das suas entidades, tem a oportunidade de dizer o tipo de Brasil que a gente deseja e o tipo de coisas que a gente poderia fazer no País.”

Estamos colocando o que antigamente se fazia: o fio do bigode. Apostando na credibilidade, na seriedade

amento do governo de 402 para 406 bilhões. Mas como era mais fácil acreditar na proposta vinda da Câmara, o da Câmara passou a ser o verdadeiro e o fato de nós não aceitarmos o da Câmara criou a idéia de que nós contingenciamos.”

Gargalos – “Na semana passada, fizemos uma reunião com todos os ministérios de infra-estrutura, com o Banco do Brasil, a Caixa Econômica Federal, o BNDES. No dia 19 terei uma reunião com todos esses ministérios outra vez, com a companheira Marina, o chefe nacional do Ibama, o procurador-geral da República, para a gente definir concretamente todos os gargalos existentes e definir um prazo para que sejam resolvidos. Temos que dizer sim ou não num prazo mais rápido.”

No conselho social, Lula faz vigorosa defesa da política econômica para platéia sem entusiasmo

TÂNIA MONTEIRO

BRASÍLIA – Ao lado do ministro-chefe da Casa Civil, José Dirceu, e na ausência do ministro da Fazenda, Antônio Palocci, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva fez ontem uma vigorosa defesa da política econômica para uma platéia de empresários e sindicalistas que integram o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES), que o ouviu sem entusiasmo.

Foi um banho de água fria para um plenário que vem publicamente contestando a política conduzida pelo ministro da Fazenda, incluindo o presidente do conselho, ministro Jaques Wagner.

Lula marcou posição clara em relação à economia, chamando de “antibióticos” as alternativas formuladas ao longo das últimas semanas em nome do crescimento econômico. “Não há como a economia não crescer este ano. Possivelmente não crescerá o tanto que nós gostaríamos que crescesse, mas vai crescer de forma sustentável”, disse. “Não é justo para com o Brasil que nós inventemos o ‘Plano Palocci’ ou o ‘Plano Lula’ ou um plano qualquer, para ter sucesso de meio-dia ou de meia hora e, depois, alguém ter que arcar com o prejuízo.”

O ministro José Dirceu escolheu a reunião do conselho para demonstrar, publicamente, seu retorno ao comando administrativo do governo, discursando antes do presidente Lula e fazendo um resumido balanço das ações administrativas que vêm sendo conduzidas pelo gabinete civil. Sua performance foi uma surpresa – por se tratar de um ambiente estritamente econômico – reforçada pela ausência de Antônio Palocci. Este não compareceu, num gesto político decidido após o anúncio do ministro Jaques Wagner de que permitiria o debate do modelo econômico na reunião de ontem.